

Apresentação

Este livro é baseado na minha dissertação de mestrado *Saúde e apoio social no trabalho: estudo de caso de professores da educação básica pública* (Giovanetti, 2006), que defendi na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da profa. dra. Ana Isabel Bruzzi Bezerra Paraguay. Por meio das concepções do campo da Saúde do Trabalhador, como compreendido por René Mendes e colaboradores, buscamos a compreensão sistematizada do conceito de Apoio Social no Trabalho (AST) com base na abordagem dos Fatores Psicossociais no Trabalho (FPST). Abordamos os modos como o AST pode ser um fator de proteção para a saúde dos professores na educação básica pública diante das adversidades que enfrentam no cotidiano de trabalho. Para tanto, aproximamos teoricamente os conceitos de AST e de FPST com a teoria das representações sociais para que pudéssemos verificar as construções de sentidos do professorado sobre os recursos suportivos que consideravam obter para a realização do seu trabalho em sua jornada.

Reverendo essa dissertação depois de 17 anos, pude perceber a atualidade e a importância de muitos conceitos que havia abordado, principalmente no que dizem respeito às políticas de concepção, organização e gestão do trabalho docente destinadas à construção de ambientes ocupacionais saudáveis, que promovam a capacidade de trabalho criativo e a saúde – especificamente na educação básica pública, mas não de maneira exclusiva. Evidentemente que o fortalecimento de AST também oferece uma margem de garantia para a qualidade de vida do professorado e, consequentemente, maior qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

O conceito de AST foi criado por James House (1981) com base nas teorias cognitivas-comportamentais estadunidenses. Associá-lo à teoria das representações sociais foi um desafio que nos colocamos devido à necessidade de se abordar a compreensão que os próprios trabalhadores, o professorado, tinham sobre suas bases suportivas no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, após a formação em psicanálise e a longa atuação no campo da saúde mental, especificamente a partir da gestão de equipes multiprofissionais de cuidados de transtornos severos e persistentes da infância e juventude, a minha concepção de AST e de representações sociais foi se transformando de tal modo que outras concepções derivadas da extensão da psicanálise puderam ser articuladas. Principalmente a psicanálise de terceiro tipo de René Kaës (2015), que trabalha com a dimensão inconsciente da vida psicossocial em casal, família, grupos, organizações etc. A *themata*, nesse caso a própria concepção fundamental de AST, permaneceu como inspiradora para que eu pudesse pensar e articular ideias psicanalíticas relacionadas com a institucionalidade da vida psíquica comum e partilhada das equipes nos espaços organizacionais.

De fato, o leitor poderá verificar no Capítulo 2 que o conceito de AST é abrangente, não encontra consenso na comunidade científica e, inclusive, pode ser compreendido de diversas maneiras, dependendo da tradição epistêmica escolhida. Apesar disso, ou por isso mesmo, nada impede que outros pesquisadores possam se beneficiar da leitura e da compreensão teórica dos conceitos e dos resultados e das conclusões desta pesquisa, seja pelo seu uso direto ou por outras derivações e aproximações teóricas. Podem tanto aplicá-lo com base na epistemologia cognitiva-comportamental, na teoria das representações sociais, como fiz nesta pesquisa, ou se aventurarem em diálogos transversais com outros campos teóricos, como a psicanálise. No Capítulo 7, articulei FPST, AST e psicanálise por meio de conceitos como vínculos intersubjetivos, mal-estar na civilização, aparelho psíquico de equipe (APE), o mundo do trabalho e alguns temas que desenvolvi mais amplamente na minha tese de doutorado orientada pela profa. dra. Maria Inês Assumpção Fernandes e defendida em 2023 no Instituto de Psicologia da USP (Giovanetti, 2023). Essa passagem epistêmica não é tão simples e requer pontes e andaimes conceituais entre a teoria do estresse, psicodinâmica e psicopatologia psicanalítica do trabalho e psicanálise dos vínculos e instituições. Destaquei a importância da sustentação do APE por meio de processos de *team building*, inclusive para o professorado, como proposta de organização do trabalho para a construção de processos de meta-apoio psicossocial para o trabalho de equipe.

O estilo de escrita está apropriado para uma leitura com ênfase acadêmica, pois correspondeu ao rigor científico exigido pela orientação para a defesa da dissertação na Faculdade de Saúde Pública da USP à época – clareza e precisão, com poucos

advérbios e adjetivos, numa linguagem mais “impessoal” e com pouco rebuscamento gramatical. A pesquisa com conceitos psicossociais numa abordagem qualitativa em uma instituição dessa tradição epistêmica foi um desafio, principalmente pelas pressões institucionais para a adequação do conteúdo aos métodos mais clássicos da epidemiologia para sua “validação”. As consequências foram, além da escrita mais impessoal – exceto o último capítulo, que foi escrito recentemente –, uma revisão bibliográfica que quase se equiparou a uma meta-análise de cunho quantitativista.

Espero que o leitor possa compreender e aproveitar as vantagens desse tipo de escrita, apesar de sua aridez, e que possa se sentir convidado a pensar a problemática do apoio social no trabalho, assim como a saúde e o sofrimento no contexto contemporâneo e no âmbito do trabalho docente especificamente.

